

# Será mesmo a acrasia uma fraqueza de vontade?

Mestrado de Filosofia Contemporânea<sup>1</sup>

Tópicos da Filosofia Contemporânea I

Cláudia Sofia Monsanto dos Santos

Estudante nº 201710631

31.jan.2018

## Resumo

Este ensaio tem o propósito de reflectir sobre a acrasia, procurando perceber se esta é uma fraqueza de vontade ou se se configura antes como resultado de uma racionalidade inconsciente.

**Palavras-chave:** *auto-controlo, vontade, intenção, racionalidade, irracionalidade, consciência, inconsciência, acrasia*

## Abstract

This essay is intended to reflect on akrasia, seeking to understand if it is a weakness of will or if it sets up to be a result of an unconscious rationality.

**Keywords:** *self-control, will, intention, rationality, irrationality, consciousness, unconsciousness, akrasia*

---

<sup>1</sup> Mestrado de Filosofia Contemporânea 2017/2019 realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

«*We live in a culture of deep scarcity, defined by this: never enough. You can fill in the blanks, never good enough, rich enough, powerful enough, safe enough, certain enough, perfect enough, extraordinary enough, and one of the most least discussed, but probably the most dangerous, not enough*»<sup>2</sup>.

Brené Brown é uma cientista social que estudou *shame* e *blame* durante anos e identificou a ideia de *never enough* como o maior *trigger* da vergonha.

O conceito de *scarcity culture*<sup>3</sup> apenas torna claro que vivemos numa sociedade em que não existimos se não estivermos a fazer alguma coisa magnífica, em grande, com visibilidade. Existe a ideia que não interessa porque motivo as pessoas sabem o que fazemos, desde que saibam.

Este tipo de cultura é alimentado pela vergonha, pela comparação entre pessoas e pelo descompromisso. Hoje em dia as pessoas vivem num estado de constante medo, completamente desligados de si e dos outros, lembrando assim o que Aristóteles chama de «*disposições morais a ser evitadas*»<sup>4</sup>, ou seja, «*o vício, a incontinência e a bruteza*»<sup>5</sup>.

Esta *scarcity culture* em que vivemos na contemporaneidade motivou-me a reflectir sobre a *acrasia*, pois entendo que mergulhar no que nos deixa mais vulneráveis é o caminho para sermos mais fortes.

A *acrasia* não existe no entender de Sócrates, é uma incontinência para Aristóteles, é um problema de desalinhamento para Davidson e uma fraqueza de vontade no entender de Alfred Mele. É esta última ideia que pretendo questionar. *Será mesmo a acrasia uma fraqueza de vontade?*

Neste sentido, optei por recorrer à obra *Ética a Nicómaco* de Aristóteles, ao artigo *Autonomy, Self-control and Weakness of Will* de Alfred Mele, à obra *Acção e Ética: conversas sobre racionalidade prática* de Sofia Miguens e Susana Cadilha e à obra *Conversations on Human Action and Practical Rationality* de Carlos Mauro, Sofia Miguens e Susana Cadilha.

---

<sup>2</sup> Brown, Brené PhD.LMSW, *The Power of Vulnerability – Teachings of Authenticity, Connection & Courage*, Sounds True, Colorado, 2012, dvd 1 – track 3, min. 00.30

<sup>3</sup> Idem, dvd 1 – track 3

<sup>4</sup> Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, Nova Cultural, 1991, pp. 117

<sup>5</sup> Idem, pp. 117

O problema da acrasia é um problema antigo, muito debatido por filósofos, se bem que por vezes confundido com o vício. E parece-me que é esse o fundamento desta ideia de fraqueza de vontade. Muitas vezes a dependência (de bebida, drogas, tabaco, café, comida, sexo) são vistas como uma acrasia, ou seja, como uma fraqueza de vontade. O desejo de beber ou comer em excesso ou, então, o uso de substâncias alucinogénias ou o cigarro é, no entender de certos pensadores, maior que a razão. Concordo em parte. O desejo é maior que a razão.

No entanto, estes desejos não consistem na vontade do agente. Estes desejos são vícios e não momentos acráticos. Por este motivo, este ensaio assenta nas seguintes premissas:

- ✓ A dependência (de bebida, drogas, tabaco, café, comida, sexo) é um vício;
- ✓ O vício é provocado por um desejo incontrollável;
- ✓ A acrasia não é um vício.

O propósito deste ensaio é questionar esta ideia de acrasia como uma fraqueza de vontade, procurando mostrar o que é a acrasia, o porquê de o agente humano viver momentos acráticos e delimitar melhor esses momentos, distinguindo-os de desejos ou apetites, começando mesmo por distinguir os apetites que podem provocar vícios das decisões racionais que podem levar a momentos acráticos. E por fim, parece-me claro que tem que haver aqui uma definição mais concreta sobre o que é vontade e de que forma influencia o agente humano.

Partindo da ideia que a dependência da bebida, de drogas, do cigarro, da comida, do sexo, entre outras dependências, são fraquezas de vontade, parece claro que o que motiva essa dependência é vontade. No entanto, não me parece que a dependência esteja relacionada com a vontade.

Pensemos num agente humano que fuma. Este agente, à partida, terá um desejo de fumar. Será um desejo uma vontade? O que é que motiva o desejo? Talvez um gosto. Bem, eu gosto de cozinhar, mas se alguém quiser cozinhar, eu agradeço.

E uma crença? Será que uma crença motiva um desejo? Será que se eu tiver uma crença que um cigarro me ajuda a relaxar, isso possa criar o desejo de fumar sempre que eu esteja sob stress? E talvez aí, o cigarro se torne um gosto adquirido, pois aquele acto ajuda a passar do stress à serenidade; logo é um acto agradável, por isso um gosto adquirido.

E a necessidade pode criar um desejo? Se eu sentir necessidade de relaxar e existir aquela crença que o cigarro me relaxa, a probabilidade é que pegue num cigarro na

primeira oportunidade que me surja, motivada por um desejo de fumar. Ou seja, a necessidade está sempre dependente da crença. E falo de cigarro, como poderia falar de álcool, drogas, comida ou sexo.

Penso que podemos fazer aqui uma ligação entre desejos, crenças, necessidades e gostos. As nossas crenças são criadas pela nossa educação, pelo nosso adn cultural, pelas nossas experiências, pelo contacto com os outros e com as experiências alheias e, desta feita, pela nossa percepção do mundo interior e exterior.

Os vícios começam como não vícios em actos que existem apenas para responder a uma necessidade motivada por uma crença. Assim, as nossas crenças têm o dom de criar em nós necessidades e acordar desta forma os nossos desejos. Ou seja, as nossas crenças provocam a manifestação dos nossos desejos, muitas vezes pela simples ilusão de uma resposta fácil a uma difícil necessidade.

Esta correlação *sui generis* leva ao apetite. O apetite de fumar é o resultado de uma crença em que o cigarro relaxa unida à necessidade de relaxar. Poderei dizer que o apetite e o desejo são a mesma coisa? Provavelmente. Mas serão os apetites vontade?

Aqui quero introduzir outra variável. Um agente que tem a crença que o cigarro acalma e a necessidade de acalmar, logo sente o desejo ou apetite para acender um cigarro. Ao mesmo tempo, este agente tem a crença que o tabaco mata e a necessidade de viver, logo sente o desejo de não fumar. Esta contradição leva a um conflito interior, que questiona a racionalidade do agente.

Parece-me que este conflito é a grande diferença entre apetite e vontade. A vontade não provoca um conflito, é uma certeza. Temos vontade de fazer uma coisa e fazemos. Não questionamos a nossa vontade. Podemos, mais tarde, vir a sentir culpa ou vergonha do resultado da nossa vontade. Mas isso só acontece por que deixamos que a razão tome conta. E quando a razão toma conta, entra em acção o julgamento, que coloca em causa tudo o que não corresponda ao expectável.

Como diria Davidson, racionalidade é uma interpretação e está dependente do corpo de crenças que condicionam o comportamento humano. Tal só acontece posteriormente ao acto motivado pela vontade. E porquê? Porque a vontade desvenda no agente o motivo para a acção. A vontade não provoca um conflito de vontades.

A vontade é um guia que nos permite perceber a complexidade de ser pessoa. Aqui estou a falar do conceito de pessoa de Daniel Dennett, que une a auto-consciência, a

racionalidade e a responsabilidade pelas suas acções<sup>6</sup>. No entanto, o apetite é questionado antes mesmo de ser expressado numa acção. O que quer dizer que a vontade é mais forte e menos controlável que o apetite. O julgamento, à partida, provoca um conflito interior, que refreia o nosso apetite.

A verdade é que sempre que lutamos contra algo, estamos a transferir a nossa força para aquilo que não queremos. O que acaba por enfraquecer o apetite que pode terminar com um vício. O apetite vive do conflito interior, caso contrário seria uma vontade. E entenda-se que os apetites não são apenas coisas más.

A verdade é que a vontade é mais profunda que o apetite. A vontade está assente na nossa auto-consciência, na consciência de nós. A vontade é um guia efectivo para conseguirmos perceber a complexidade de ser pessoa, de ser esta pessoa e não outra.

Por exemplo, o meu pai foi fumador durante mais de quarenta anos. Começou a fumar na guerra do ultramar. Ele não consegue explicar o porquê de ter começado a fumar, no entanto é perceptível nas histórias de guerra que ele conta, que muito provavelmente começou a fumar por necessidade de relaxar e pela crença que o cigarro o acalmava, criada pela experiência de outros soldados.

Ele deixou de fumar há 13 anos. Antes disso, andou anos a dizer que tinha que deixar de fumar, porque causa dos pulmões, porque o médico o tinha aconselhado, por várias razões. Era visível que sempre que estava sem fumar durante muito tempo, ele ficava agitado, sem paciência e agressivo. Saía para fumar e voltava mais calmo.

Será que ele tinha vontade de fumar? E vontade de não fumar? Parece-me que ele tinha um desejo avassalador de fumar e um desejo desconcertante de não fumar. E talvez fosse esse conflito que o agitava e tornava-o menos paciente e mais agressivo. O que ficava mais forte era o cigarro, mesmo ele acreditando que não devia fumar.

O meu pai deixou de fumar no dia em que a neta mais velha, na altura com apenas três anos, se negou a dar um beijo ao avô porque ele cheirava mal. O meu pai riu e disse que não cheirava mal. O meu irmão, pai da criança, disse que ela não gostava do cheiro a tabaco. Nesse mesmo dia, o meu pai encostou um maço de tabaco, do qual tinha fumado apenas um cigarro, e nunca mais fumou. Foi a minha mãe que deitou fora o maço de tabaco, meses depois.

---

<sup>6</sup> Miguens, Sofia e Cadilha, Susana. *Acção e Ética: conversas sobre a racionalidade prática*. Edições Colibri, 2011, pp. 87

Será que foi o apetite/desejo de não fumar que o levou a parar de fumar? Não. Ele apenas percebeu que havia algo que o motivava mais do que o desejo pelo cigarro. O que o levou a deixar de fumar foi a vontade de estar com a neta. Essa vontade transformou o apetite de não fumar numa motivação emocional, que eclipsou o apetite de fumar. A partir do momento em que o conflito desaparece, por uma razão maior, nasce vontade.

A vontade vem do que nos faz mover. A vontade não vem do que nos faz entrar em conflito. A vontade estimula o movimento, estimula a acção. O apetite estimula o conflito interior. No final desse conflito, de tal forma cansado, o agente age da forma que for mais simples agir. A não ser que exista uma razão que anule o conflito. Se o conflito se mantiver, no final é mais simples fumar um cigarro do que lutar contra o apetite de fumar.

Aristóteles diz que a acrasia não é um vício. A acrasia é intermitente, não é crónica. Para Aristóteles é impossível ser continuamente acrático, porque o agente humano age por princípios e o momento acrático leva-o a agir contra os próprios princípios. Será mesmo? Mesmo assim, quando falamos de dependência estamos a falar de vício e não de acrasia. Então, se isto não é acrasia, o que é então a acrasia? Em que consistem esses momentos acráticos?

Aristóteles começa por responder à tese socrática, questionando o que é que sabe o *akratés* quando sabe qual é a coisa a fazer, mas não faz aquilo que sabe que há a fazer - Sócrates negava a existência de acrasia, alegando a ignorância. Esta ideia de Sócrates leva-me a questionar se realmente sabemos o que devemos fazer?

Se virmos a racionalidade pelos olhos de Davidson, como uma interpretação condicionada por um corpo de crenças que podem ser conscientes ou inconscientes, como poderemos ter a certeza que sabemos o que fazer?

Na perspectiva de Aristóteles, o *akratés* acredita que seria melhor fazer uma outra coisa, mas tem uma razão para fazer uma determinada coisa. Atribui, assim, uma falha cognitiva causada pelo conflito entre razão e desejo, sendo a acrasia uma falha de percepção, ou seja, o acrático vê mal as coisas. O que me leva a juntar à pergunta anterior, um conceito de racionalidade inconsciente. Poderá ser a acrasia um momento de uma racionalidade escondida atrás da emoção do momento?

Alfred Mele traduz *enkrateia* como *self-control*, *continence*, e *strenght of will*, que ele define como «*roughly, a trait of character exhibited in behavior that conforms with*

*one's best or better judgment in the face of temptation to act to the contrary»*<sup>7</sup>. O conceito de *better judgment* foi posteriormente *upgraded* para o conceito de *decisive better judgment*, pois aqui o julgamento é feito com base na consideração total dos desejos e crenças do agente, pertinentes para a situação em questão. No entender de Mele, o melhor julgamento nasce do *raciocínio prático avaliativo*, guiado pela motivação de decidir o que fazer.

A ideia de *weakness of will* aparece associado ao conceito de *self-control*, pois um agente *self-controlled* está capaz e disponível para se conduzir a ele próprio conforme entenda melhor, tendo a habilidade de controlar a motivação para o contrário. Assim, a acrasia é uma fraqueza de vontade, por existir uma falha de *self-control*.

Mele entende que *«human beings wholly lacking self-control are at the mercy of whatever desires happen to be strongest – even when the desires clash with their better judgments»*<sup>8</sup>.

No meu entender, o auto-controlo está mais relacionado com os apetites e não com a vontade, uma vez que o julgamento faz parte da razão e não da vontade. No entanto, o auto-controlo está muito condicionado pelo que nós somos como ser social. O agente humano é um construto da sociedade e isso leva-nos a entrar numa situação de julgamento, que no meu entender poderá condicionar o auto-controlo. Quase parece um auto-controlo por controlo remoto. A construção social que nós somos está a controlar o nosso auto-controlo, através do julgamento racional. E os motivos que temos para a acção são apenas racionais?

Parece-me que Mele está a seguir a ideia de Davidson, quando este pôs de parte o conceito de vontade e crença ao abordar o conceito de acrasia. Davidson entende que a acrasia pressupõe uma intenção e que existe como resultado de juízos comparativos, querendo aludir a um conflito de juízos dentro de um mesmo agente.

Alfred Mele defende o conceito de *core weak willed actions* como uma força motivacional que não está alinhada com a avaliação que o agente faz de um determinado objecto.

---

<sup>7</sup> Mele, Alfred, *Autonomy, Self-control, and Weakness of Will* in Kane, Robert H. (ed.) *The Oxford Handbook of Free Will*, Oxford University Press, New York, 2002, pp. 531

<sup>8</sup> Mele, Alfred, *Autonomy, Self-control, and Weakness of Will* in Kane, Robert H. (ed.) *The Oxford Handbook of Free Will*, Oxford University Press, New York, 2002, pp. 531

No meu entender, as forças motivacionais são propriedade da vontade. O julgamento é parte da razão. A acrasia pode tão simplesmente ser uma racionalidade inconsciente, uma racionalidade escondida que nos leva a mudar de intenção. Há uma decisão tomada, uma decisão racional, uma decisão tomada de uma forma deliberada, racional, medindo os prós e os contras, mas é uma decisão tomada numa altura em que poderemos não estar conscientes de todas as variáveis – ou seja, o que me parece mais lógico fazer é isto.

Mas é o que parece. Podemos fazer um pensamento lógico, mas nós não somos apenas razão. Aquilo que pode parecer uma coisa racional, pode tão facilmente ser confundido com algo que é apenas um julgamento inconsciente das razões emocionais que o provocam.

Por exemplo, há dias fiz a apresentação do ensaio sobre o livre-arbítrio. A apresentação foi caótica. Serviu para mostrar o caos do meu pensamento, tendo em conta que estava a fazer uma reestruturação do trabalho. No fim da apresentação, decidi ir para casa, almoçar, descansar por algumas horas e mergulhar neste ensaio, em vez de continuar a bater na tecla do livre-arbítrio. Racionalmente decidi mudar de ensaio. Tinha que escrever os dois, mas o livre-arbítrio estava estagnado e confuso. Fui para casa com esta decisão tomada. A minha intenção era mudar de ensaio.

Almocei, não descansei e mergulhei de cabeça no caos do livre-arbítrio. Fui acrática? Sim. Porquê? Era a minha vontade que me estava a picar para escrever o ensaio sobre o livre-arbítrio. E porquê? Porque eu ia desperdiçar tempo a tentar escrever este ensaio e não ia conseguir escrever nada, pois não estava virada para acrasias. Mesmo sendo acrática, eu estava numa de livre-arbítrio.

Estava eléctrica, não conseguia descansar e desligar, porque estava arreliada pelo caos que ia na minha cabeça. Desta forma, ia desperdiçar tempo a tentar escrever um ensaio que não ia conseguir escrever, porque o meu foco estava definido, e depois, no final, não teria tempo para escrever os dois ensaios. Por isso, aquele momento acrático nasceu de uma mudança de intenção. Decidi de forma racional e consciente, escrever o ensaio sobre a acrasia e, posteriormente, decidi de forma racional e inconsciente continuar a escrever o ensaio sobre o livre-arbítrio.

Hoje, olhando para trás, posso perceber que entrei num modo *OFF*, ou seja, consciência zero, racionalidade a meio gás e emoções ao rubro. A verdade é que decidi racionalmente adiar o trabalho sobre o livre-arbítrio e na realidade fiz exactamente o

contrário. Hoje, posso dizer que de uma forma muito emocional eu fiz o que realmente era melhor para mim, porque mais uma vez de uma forma muito emocional, e racionalmente inconsciente, eu decidi alterar a minha intenção. A verdade é que este raciocínio que faço agora é um raciocínio à posteriori, pois naquele momento foi mais uma decisão inconsciente. Terá sido um momento de *reasoning* da qual não tinha consciência?

Contrariamente ao que Aristóteles defendia, acredito que não há irracionalidade na acrasia, nem mesmo uma fraqueza de vontade, há sim uma inconsciência no momento em que alteramos a intenção inicial. Há uma inconsciência da razão para essa mudança ocorrer. Mas essa mudança não é provocada por uma irracionalidade, é sim provocada por uma razão escondida.

Aliás, Alfred Mele defende que a explicação de acção intencional tem a perspectiva emocional e a intelectual. Neste caso, parece-me que esta razão escondida, talvez motivada pela nossa vontade, nos encaminha para algo que à partida poderia parecer menos racional, mas que na realidade é a forma mais acertada de agir. E por isso é que eu entendo que a acrasia não é irracionalidade, não é fraqueza de vontade; acho que é um momento de uma racionalidade inconscientizada pela emoção que advém da nossa vontade e auto-consciência escondida dentro da pessoa que somos.

Por exemplo, eu decidi que agora tenho que deixar de falar com os animais e com as plantas quando estou na rua. É algo que faço naturalmente. Provavelmente influenciada por um avô agricultor, apaixonado por animais. Mas, porquê que eu decidi que tenho que deixar de falar com animais e plantas quando estou na rua? Aqui entra a parte racional. Porque essa acção deixa algumas pessoas incomodadas. São pessoas próximas. Gosto que as pessoas se sintam bem quando estão na minha presença. Por isso não quero deixá-las desconfortáveis. Perfeitamente racional, certo? Ou talvez não!

Deixar de falar com os animais e as plantas quando estou na rua não provoca qualquer conflito. Não o faço por apetite, faço-o naturalmente. Está na minha natureza fazê-lo. O que quer dizer que existe uma forte probabilidade de falar com animais e plantas na rua, mesmo estando na presença das pessoas que se sentem desconfortáveis quando o faço. Mas, estará na minha natureza, logo na minha vontade, deixar de falar com os animais e as plantas só para que alguém se sinta confortável? Talvez não.

Parece-me que aqui entra uma razão escondida na pessoa que sou. Será por necessidade que estou a decidir não ser quem sou, para que outro alguém possa estar confortável na

minha companhia? Não haverá aqui uma certa inconsciência do porquê de aceitar certas razões que motivam as minhas acções? Afinal, se aquela pessoa não se sente confortável por eu ser quem sou, então aquela pessoa quer estar com alguém que não sou eu.

Esta ideia recorda a ideia de Aristóteles, quando diz que «*o incontinente não possui conhecimento quando é dominado pelos seus prazeres, mas só opinião*»<sup>9</sup>, passando a ideia que o *akratés* tem conhecimento num sentido especial, pois é um conhecimento que não implica saber, apenas dizer.

Posto isto, estarei a ser acrática quando faço aquilo que é da minha natureza? Sim, se existir uma mudança de intenção entre uma decisão tomada inicialmente e o que faço na realidade. Quer isto dizer, que a acrasia é uma racionalidade inconsciente ou será apenas a tomada de consciência de uma decisão, fruto de uma racionalidade inconsciente?

Voltando à ideia de Alfred Mele sobre *conduzir-se conforme se julgue melhor*, como é que sei que o meu julgamento inicial é o melhor? Aliás, como é que sei que o aquele julgamento é o meu julgamento?

Fomos ensinados a julgar de uma determinada forma. Por isso, o nosso melhor julgamento pode nunca ser o nosso melhor julgamento. O nosso melhor julgamento será o julgamento de todas aquelas pessoas que contribuíram para sermos quem somos. O nosso melhor julgamento será aquele que for mais consciente para nós, depois de removidos todos os véus ilusórios, que foram sendo acrescentados à nossa razão ao longo da nossa educação.

É essa auto-consciência que vai reformular-se a nossa maneira de pensar, de perceber as situações. E quanto mais auto-conscientes, ou seja, quanto mais autênticos formos, mais consciente será a nossa racionalidade e menores momentos de racionalidade inconscientes nós teremos. Porque quando tivermos que decidir, vamos decidir logo à partida aquilo que mais demonstra *what do I stand for*.

O que é que efectivamente me motiva para fazer uma determinada coisa? O que é que me faz fazer uma determinada coisa? O que é que é efectivamente autêntico em mim que vai ser expressado numa acção, numa escolha, numa deliberação, numa decisão, num pensamento?

Parece-me que é isso que a vontade faz. A vontade guia-nos para uma auto-consciência de nós como pessoa. E por isso, não me parece que a acrasia seja algo ligado à vontade,

---

<sup>9</sup> Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, Nova Cultural, 1991, pp. 118

nem força nem fraqueza de vontade. Não me parece que a acrasia seja uma falha de auto-controlo.

Parece-me sim que a acrasia pode até configurar-se como um instrumento da nossa vontade, porque na prática imprime *an awareness* das contradições das nossas decisões, escolhas e acções. É provável que o ponto de interligação entre as duas decisões, que constituem uma acção acrática, seja o ponto mais autêntico para nós. Aquele ponto não é nem um nem outro, é a correlação dos dois.

Parece-me que é nesse ponto que vamos encontrar a nossa vontade, uma expressão daquilo que nós somos, como somos, como pensamos.

Enfim, a acrasia é o resultado da acção da nossa vontade, que nos redirecciona para o que de mais autêntico existe na pessoa que somos.

## **Bibliografia**

Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, Nova Cultural, 1991

Kane, Robert H. (ed.) *The Oxford Handbook of Free Will*. Oxford University Press, New York, 2002

Mauro, Carlos, Miguens, Sofia e Cadilha, Susana. (ed.) *Conversations on Human Action and Practical Rationality*, Cambridge Scholars Publishing, 2013, pp. 44

Miguens, Sofia & Cadilha, Susana. *Acção e Ética: conversas sobre racionalidade prática*. Edições Colibri, 2011